

Três semanas na Alemanha e Holanda

Alice Vieira em «tourné»

Durante cerca de três semanas Alice Vieira falou da sua obra e da literatura infanto-juvenil portuguesa em diversas cidades da Alemanha e da Holanda. Se não se tratasse de uma escritora, mas de uma artista, dir-se-ia que se tratou de uma *tourné* rara para quem escreve na nossa língua — e, além disso, fundamentalmente para crianças.

A autora de «Rosa, Minha Irmã Rosa» começou por participar num colóquio de tradutores de português para alemão e alemão para português, em Straelen, onde se situa o Centro Europeu de Tradução, a que o «JL» já se referiu. Neste encontro, esteve também presente João Barreno, professor universitário, prestigioso germanista e tradutor.



De seguida, Alice Vieira teve um encontro com crianças portuguesas e alemãs na biblioteca de Estugarda, o mesmo tendo sucedido na biblioteca de Frankfurt. Além disso, a escritora foi falar a escolas que naquelas duas cidades, quer em outras como Bona, Dortmund, Neuss, etc.

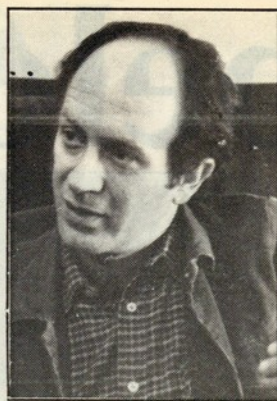
No total foram mais de três mil quilómetros nas auto-estradas alemãs para cumprir um programa muito cheio, da responsabilidade de Theo Mesquita, director do Centro Difusor de Literatura de Língua Portuguesa e dinamizador entusiasta de tudo que a ele respeita, que convidou Alice Vieira e a acompanhou. Presente na maioria das sessões esteve também o tradutor de Alice Vieira para alemão, e agente

literário, Ray-Gude Mertin.

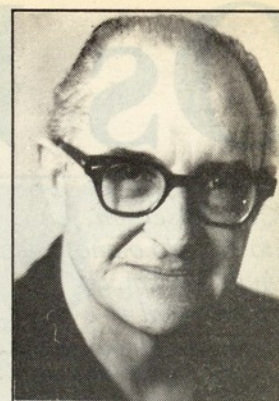
Após a Alemanha foi a vez da Holanda, onde a autora de alguns dos maiores êxitos da literatura infanto-juvenil portuguesa se deslocou a convite do Centro Cultural Português de Amsterdão. Neste centro ouviu uma sessão com Alice Vieira, que participou ainda num encontro com leitores na Universidade de Utrecht, no qual falou não só dos seus livros como de literatura infanto-juvenil portuguesa em geral. Além disso a escritora, que teve a acompanhá-la a sua tradutora para holandês, Irene Koenders, deu várias entrevistas.

Na Holanda, está publicado o seu livro «Flor de Mel» e vai sair em breve «Rosa, Minha Irmã Rosa».

Na Alemanha, além destas duas obras, saiu, ainda, «Viagem à Roda do Meu Nome». Alice Vieira, com vários livros publicados já em outros países, é assim a autora portuguesa do género mais divulgada no estrangeiro. Falando ao «JL» sobre esta sua experiência, Alice Vieira contou que foi «bastante cansativa mas muito proveitosa», manifestando a sua esperança de que contribua também para o lançamento naqueles países de outros escritores nacionais.



Luís Filipe Rocha



Jorge de Sena

L. Filipe Rocha adapta Sena

O realizador Luís Filipe Rocha está a preparar, em parceria com Izaías Almada, a adaptação de «Sinais de Fogo», de Jorge de Sena. Isto, enquanto aguarda a estreia em Portugal do seu mais recente filme «Amor e Dedinhos de Pé», com data marcada para 15 de Janeiro próximo. Adaptação livre do romance de Henrique de Senna Fernandes, este filme conta a história da relação entre uma jovem mal amada e um arrogante filho de família, algures no Sul da China, em 1900. Nos principais papéis estão Joaquim de Almeida, Ana Torrent e Jean-Pierre Cassel. O argumento e diálogos são de Izaías Almada e Luís Filipe Rocha, a fotografia de Eduardo Serra, o som de Carlos Alberto Lopes, a cenografia de Luciano Arroyo, a música de Enrique Macias e a montagem de Bernadette Martin.

Regressado da Universidade de Nova Iorque

Wilson Martins retoma cátedra brasileira

Após exercer a cátedra de Literatura Brasileira na Universidade de Nova Iorque o crítico Wilson Martins retornou à sua Curitiba natal, onde pretende reavaliar o seu longo período de docência e crítica. A T. A. Queiroz Editora tem uma iniciativa editorial altamente significativa ao publicar os primeiros quatro volumes de uma série de 15, com o título geral de «Pontos de Vista de Wilson Martins», textos publicados no período de 1954 a 1974 em «O Estado de S. Paulo» e a partir de 1978 no «Jornal do Brasil». Um amplo painel de abordagem de autores e obras configura o documentário crítico dos últimos 50 anos.

Wilson Martins sempre entendeu a crítica como um diálogo apresentando a opção de triângulo, segundo o seu conceito, «no qual se ouvem as vozes do autor, com a obra; do crítico, com a análise, e do leitor, com o julgamento final».

É impressionante o percurso trilhado por Wilson Martins, onde prevalece a qualidade de um talento incorporando lucidez no trato crítico. Afinal, o que seria o crítico ideal? Uma indagação subtil. Vamos «pinçar» um trecho, no qual chama a atenção para um grave desvio da crítica brasileira da actualidade, onde «a terminologia está sendo mais valorizada do que a substância, o pensamento perde importância em face das citações, a totalidade da literatura é desprezada em favor de princípios mais ou menos bizantinos e gratuitos».

Ao longo de seus artigos o autor estabelece parâmetros que levam aos esclarecimentos do acto criador do ficcionista ou do poeta e do acto criador do crítico. A distinção está que o «acto criador do crítico se realiza em plano diferente — o crítico não é rival do romancista, do poeta».

A arte difícil da crítica está no provérbio de Destouches: «A crí-

tica é fácil e a arte é difícil». Na história literária é pequeno o número de críticos em face do número de ficcionistas e poetas cuja grandeza tem reconhecimento da posteridade.

Dotado de ampla cultura, original e renovador, Wilson Martins construiu o grande mural da literatura brasileira.

Torna-se um prazer a leitura de cada volume de «Pontos de Vista» (em média 600 páginas por volume), que ajuda a compreender uma época e a reciclar os pontos de vista.

História da inteligência brasileira

O editor Thomas Aquino Queiroz tem, entretanto outro desafio e o faz consciente da importância de reeditar os sete volumes de «História da Inteligência Brasileira» (1950-1960), com mais de quatro mil páginas, um monu-

mento construído ao sabor de uma pesquisa criteriosa. O editor — que começou as suas actividades na Companhia Editora Nacional, consagrada com a publicação da colecção «Brasiliana», com mais de 400 títulos — presta assim relevante serviço à cultura brasileira ao editar as duas obras de Wilson Martins, o mestre da crítica e do ensino.

Para o antigo professor da Universidade de Nova Iorque, dois autores despontam como cumes deste século e são os mais procurados para os estudos da comunidade universitária norte-americana: Fernando Pessoa e Guimarães Rosa.

Na postura de quem vive a cultura brasileira, o estudioso tem a oportunidade de visualizar e cotejar as páginas desses dois trabalhos maiores da literatura de língua portuguesa.

Henrique L. Alves,
em São Paulo.

Mecenato: novos incentivos fiscais

O Conselho de Ministros, reunido na passada quinta-feira, aprovou a proposta do secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, no sentido de se concederem maiores benefícios fiscais às empresas que pratiquem actos de mecenato cultural. Este projecto-lei, à espera de promulgação, cria um sistema de majoração, pelo qual os donativos dos mecenas podem ser

aumentados pelo Estado entre 110 e 115 por cento para efeitos de Imposto sobre o Rendimento Colectivo ou de Imposto sobre Rendimento Singular. Isto é, a partir de agora, os mecenas poderão descontar nos impostos verbas superiores aos donativos realizados. Até à introdução destas alterações, os donativos contavam como custos, sem qualquer prática de majoração.

O Conselho de Ministros pretende ainda beneficiar mais os candidatos a mecenas de actividades relacionadas com Lisboa, Capital da Cultura — 1994 ou quando as acções forem praticadas em proveito de um grupo de entidades que a Secretaria de Estado da Cultura considerará prioritárias e cuja escolha está a ser efectuada. Nestes casos, a majoração atingirá

o máximo: 115 por cento. O mesmo benefício será aplicado às empresas que realizem contratos plurianuais com os objectos dos donativos.

De acordo com a Secretaria de Estado da Cultura, Portugal — se o projecto for promulgado — passará a ser o país da CEE com melhores contrapartidas para as empresas interessadas no mecenato.

Fernand Braudel obra fundamental

A Teorema acaba de lançar o primeiro volume da obra monumental do historiador Fernand Braudel «Civilização Material, Economia e Capitalismo — Séculos XV-XVIII», intitulado «As Estruturas do Quotidiano».

Ao longo de 550 páginas profusamente ilustradas, Braudel analisa temas como «O Peso do Número», «O Pão de cada Dia», «O Supérfluo e o Costumeiro», «A Difusão das Técnicas», «Revolução e Atrasos Técnicos», «A Moeda» e «As Cidades».

Obra fundamental no quadro do trabalho de investigação desenvolvido por Braudel, este livro constitui talvez a melhor introdução à história do mundo, do século XV ao século XVIII. Um livro de consulta e de leitura gratificante que vem enriquecer a biblioteca dos amantes de temas históricos.